

Para ingleses, a fórmula é inaceitável.

A missão enviada pelo governo brasileiro à Inglaterra para explicar e pedir o apoio dos bancos para o plano de reescalonamento da dívida não produziu os resultados desejados. Os banqueiros britânicos rejeitaram completamente as propostas do ministro Bresser Pereira, por considerá-las contrárias a seus interesses.

Fernão Bracher, assessor especial do ministro da Fazenda, e Antônio de Pádua Freitas, chefe da Carteira Internacional do Banco Central, chegaram a Londres no final da tarde de domingo. À noite, jantaram com sir Kit McNahon, presidente do **Midland Bank**, a quem o Brasil deve cerca de US\$ 2 bilhões. Foi a primeira decepção, porque as idéias do ministro Bresser Pereira, segundo se soube, teriam sido severamente criticadas.

Ontem de manhã, Bracher e Seixas deixaram o hotel antes das oito e iniciaram uma verdadeira maratona. Primeiro, reuniram-se com o presidente do **Lloyds Bank**,

Jeremy Morse, e visitaram em seguida os diretores do **Barclays Bank**, e, finalmente, estiveram no Banco da Inglaterra.

Porta-vozes dos três bancos particulares fizeram questão de dizer que as conversas com os enviados brasileiros foram "interessantes e muito cordiais", mas que não se chegou a nenhuma conclusão. Outros funcionários, no entanto, foram menos cautelosos. Disseram que as idéias do ministro Bresser Pereira são "absolutamente inaceitáveis". Um banqueiro, referindo-se às notícias de que os cientistas brasileiros descobriram a fórmula de enriquecer urânio, disse, brincando, que o Brasil "se comporta como país rico e quer ser tratado como nação subdesenvolvida". A assessoria do Banco da Inglaterra recusou-se a fazer qualquer comentário sobre a visita e nem mesmo quis dizer com quem Bracher e Freitas se encontraram.

**José Carlos Santana,
de Londres**